



Algumas perspectivas sobre a língua portuguesa Daniella de Cássia Yano

Objetivos

O objetivo deste texto é ajudar você a:

- compreender algumas concepções sobre a língua portuguesa;
- entender a riqueza de uso do nosso idioma a fim de combater o preconceito linguístico;
- ter uma noção sobre o funcionamento da gramática.

Iniciando o estudo

Você deve estar se perguntando por que um(a) professor(a) de matemática precisa estudar língua portuguesa? Afinal, a escolha pela ciência exata é, provavelmente, uma questão de maior afinidade com essa linha. No entanto, não há como se eximir tal conteúdo, já que a língua portuguesa é que estabelece a mediação entre o conhecimento de todas as outras áreas de estudo. Ademais, dominar bem a língua materna contribui para o nosso próprio desenvolvimento social.

Assim, neste texto, vamos conversar sobre a importância do estudo da língua portuguesa para sua prática seja no âmbito pessoal ou profissional. Também é imprescindível que você tenha uma visão sobre os mais diversos usos do português no nosso país, bem como entenda que existem outros

idiomas falados no Brasil que precisam ser respeitados e preservados. Por fim, veremos que considerar os diferentes modos de fala não nos isenta de usarmos adequadamente a língua portuguesa, afinal precisamos do português para o ensino e a aprendizagem da matemática.

1 Sua relação com a língua portuguesa

Antes de apresentar a você alguns aspectos da língua portuguesa, que tal fazer uma reflexão sobre sua relação com ela? Talvez você não goste de português, ou talvez você pense que não sabe português porque não sabe gramática, certo? A língua portuguesa não se resume à gramática, claro que ela é essencial, mas tem muitos (muitos mesmo) outros aspectos que envolvem nosso idioma, por isso a linha de estudos nessa área é bastante vasta. E pode ser que a incompreensão sobre esse contexto faça com que você não se identifique. A ideia aqui é apenas te dar um panorama da língua portuguesa e refletirmos juntos sobre seu uso, e não fazer você trocar o curso de matemática pelo de letras.

Se o português é sua língua nativa, você já fala, entende e escreve neste idioma, então para que ir além disso? Você já pensou que no ensino da matemática é necessário não somente que seu(a) aluno(a) saiba interpretar os problemas, mas que você também saiba formulá-los adequadamente? Que se expressar bem, com clareza e objetividade, considerando o interlocutor, pode levar seus(a) alunos(as) a compreender melhor o conteúdo? Que o(a) professor(a) é um(a) eterno(a) pesquisador(a), portanto, um(a) leitor(a), ou seja, lidar com essa linguagem é parte indissociável da sua profissão.

Diante disso, a proposta é que você tenha um certo carinho pela língua portuguesa, pois ela é ferramenta imprescindível para uma prática docente

coerente, para que você, de fato, atinja os resultados de aprendizagem que almeja para seus(as) alunos(as).

1 Panorama geral da língua portuguesa no Brasil

A afirmação de que no Brasil se fala uma única língua, o português, é efeito do desconhecimento de nossa realidade, pois, de acordo com os dados do IBGE de 2010¹, temos 250 línguas faladas no território nacional, sendo 180 indígenas e o restante línguas de imigração, línguas afro-brasileiras usadas nos quilombos e as línguas de sinais (Libras e Kaapor). “Somos, portanto, um país de muitas línguas, plurilíngüe” (OLIVEIRA, 2009, p.20). Parece muito, mas não é! Essas 180 línguas indígenas representam somente 15% das mais de mil línguas² que existiam no Brasil antes da colonização portuguesa, e a maioria delas corre sério risco de extinção.

Quando uma língua é extinta, desaparece com ela toda a história de um povo, sua memória é silenciada, o conhecimento ancestral daquela cultura simplesmente passa a não existir mais. Infelizmente, conforme Oliveira (2009), o Brasil herdou de seus colonizadores uma política linguística de glotocídio, que significa a imposição de outro idioma até o gradual desaparecimento da língua original. No início, a determinação da língua portuguesa tinha o sentido de “civilizar” o índio, hoje a desapropriação de demarcação das terras indígenas é fator determinante para a extinção de determinadas línguas e culturas.

Os imigrantes chegados depois de 1850 e seus descendentes também passaram por repressão linguística e cultural, o regime ditatorial do Estado Novo criou o “crime idiomático”, que levava para a prisão quem não falasse português.

¹ Até a data de publicação deste texto, os dados do IBGE 2022 ainda não tinham sido divulgados.

² Estima-se que haviam mais de 1500 línguas no Brasil em 1500, conforme Rodrigues (1993).

Uma repressão em que tiveram destaque os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (OLIVEIRA, 2009). Vale a pena pesquisar um pouquinho mais sobre esse momento histórico do nosso país³.

A história confirma que um povo pode ser dominado pelo poder exercido pela língua. Nós dependemos da linguagem para viver em sociedade, ela é a base da nossa cultura, por meio dela provocamos mudanças, influenciamos, conquistamos nossos sonhos e transformamos o mundo. Quando nos tiram esse direito, quando não conseguimos expressar nossos pensamentos de maneira adequada, o que nos resta é seguir o que nos é imposto, o que nos determinam, tudo fica mais difícil quando não dominamos o idioma. Diante disso, não há como contestar a importância de preservação dos idiomas.

Para finalizar esta seção, ainda é oportuno você entender que a língua portuguesa é a língua oficial do Brasil, mas há línguas cooficiais, ou declaradas patrimônio linguístico e cultural, em municípios povoados por imigrantes. Abaixo, seguem alguns exemplos, com base em Modelli (2019):

Pomerano: dialeto falado na Alemanha e onde hoje é a Polônia. Em Santa Catarina é a língua de Pomerode, mas também se fala pomerano em algumas cidades do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo;

Talian: dialeto de Vêneto falado no norte da Itália. Em Santa Catarina, há falantes em Brusque e Criciúma, e ainda no Paraná, Rio Grande do Sul e Espírito Santo;

Hunsrückisch: dialeto do sudoeste da Alemanha. No Brasil também há falantes no Paraná, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, e a cidade de Antônio Carlos é a representante de Santa Catarina.

³ O livro A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistência no sul do Brasil, de Cynthia Machado Campos, trata do assunto por meio de uma pesquisa com descendentes de alemães no sul do Brasil. O guarda roupa alemão também é um romance, da catarinense Lausimar Laus, que mostra um pouco desse contexto político.

2 Variação linguística

Agora a perspectiva da nossa conversa é a de que o idioma oficial de um país, ainda mais na dimensão do Brasil, também pode sofrer alterações feitas pelos seus falantes. Então, vamos ver, brevemente, como isso acontece na língua portuguesa.

Marcos Bagno (2014b) explica que a heterogeneidade faz parte da natureza da língua, pois há uma multiplicidade de modos de falar decorrente das variadas culturas existentes em nosso país. Essa diversidade de uso da língua recebe o nome de variedade linguística. As variações linguísticas podem ser observadas a partir de regiões, classes sociais, faixas etárias, níveis de escolaridade, profissões, usos escritos e usos falados, por exemplo. O autor complementa que a variedade na fala não pode ser considerada como erro, mas “como recurso de interação e integração social para seus falantes”, que deve ser valorizada como um elemento formador da identidade social de um indivíduo e como patrimônio cultural do país.

Para compreender melhor este tópico, é necessário saber que há quatro tipos de variações linguísticas: variações geográficas (diatópicas), variações históricas (diacrônicas), variações de grupos sociais (diastráticas) e variações de usos (diafásicas).

2.1 Variações geográficas

São as variações relacionadas às diferenças nas falas de acordo com a região em que estão inseridas. Veja como aparecem essas diferenças:

a) Uso das palavras: por exemplo, os nomes macaxeira, mandioca e aipim,

ou biscoito e bolacha;

b) Som: como no sotaque nordestino, gaúcho, mineiro, cada qual de um jeito bem específico;

c) Estrutura sintática: em alguns lugares se diz “é não” e em outros “não é”.

2.2 Variações históricas

As variações históricas são aquelas que tratam das mudanças que ocorrem na língua com o decorrer do tempo. São expressões que surgem enquanto outras desaparecem de acordo com a época dos falantes. Vamos ver alguns exemplos de como podem ocorrer:

a) Palavras em desuso: vossa mercê (você); ósculo (beijo);

b) Grafias em desuso: pharmacia; êle; abysmo;

c) Faixa etária: supimpa (legal); tabefes (tapas); coqueluche (algo moderno).

2.3 Variações de grupos sociais

Essas variações são determinadas pelos diferentes grupos sociais formados pelos falantes da língua. São grupos que possuem conhecimentos, costumes e vivências diversas, por isso acabam tendo modos específicos de comunicação. Essa variação tem relação com pertencimento social e identidade. Por exemplo:

a) Gírias: aloha (saudação de surfistas); meia-lua (golpe de capoeirista);

b) Jargões ligados à profissão: para a área jurídica, “autos” é o conjunto de todas as peças de um processo; “caput” é o enunciado da lei.

2.4 Variações de usos

Essas são variações muito comuns porque só dependem da situação, do contexto da fala, podendo ser mais ou menos formal. Nós temos circunstâncias que exigem uma forma de interação mais formal, já outras essa formalidade não é necessária, podendo até ser arrogante se a fala for em momento ou situação inapropriada. Por exemplo:

- a) Formal: Bom dia! Tudo bem com você? / Muito obrigado, Pedro.
- b) Informal: E aí, beleza? / Valeu, Pedro!

Como você pôde perceber, a língua é dinâmica, está sujeita a variações que dependem do contexto histórico, geográfico e sociocultural dos falantes. Trata-se de pluralidade linguística e, portanto, não deveria ser motivo para preconceito, concorda?

2.5 Preconceito linguístico

Uma pessoa pode sofrer preconceito por ser mulher, pobre, negra, nordestina, estrangeira, deficiente física, por integrar a comunidade LGBTQIA + etc. E também por causa da língua que fala ou pelo modo como fala sua língua (BAGNO, 2014a). Ainda segundo o autor, esse tipo de preconceito, o preconceito linguístico, é resultado de uma comparação indevida entre o modelo idealizado da gramática e dos dicionários, inspirado nas regras do português europeu do século XIX, e o modo real de falar das pessoas que, por sua vez, são bem diferentes entre si.

No entanto, não é somente essa a fonte do preconceito linguístico, há ainda a comparação que as pessoas da classe média urbana fazem entre o seu

modo de falar e o modo dos indivíduos de outras classes sociais (pessoas de baixa renda) e de outras regiões, julgando essa fala como “feia” ou “errada”. Bagno (2014a) ainda afirma que:

Quando analisado de perto, o preconceito linguístico deixa claro que o que está em jogo não é a língua, pois o modo de falar é apenas um pretexto para discriminar um indivíduo ou um grupo social por suas características socioculturais e socioeconômicas: gênero, raça, classe social, grau de instrução, nível de renda etc.

Isso significa que o preconceito linguístico é, em sua essência, um preconceito social. E, infelizmente, é um preconceito bem comum no Brasil. Você já deve ter ouvido algo como: “Nossa, isso que você disse dói no ouvido! Não sabe a gramática” ou “Fala direito! Não é assim que se pronuncia essa palavra”, ou “Você é caipira mesmo, o certo é milho e não “mio”, são alguns exemplos dentre tantas outras frases que parecem até inofensivas em um tom de brincadeira, mas são bastante preconceituosas. Esse tipo de julgamento prejudica a autoestima de uma pessoa, que pode se sentir excluída socialmente porque passa a acreditar que realmente fala “errado”, que não sabe o português.

Será que quem comete o preconceito sabe tudo e nunca erra no uso da língua portuguesa? Um exemplo de uso comum na nossa fala é: “Os menino estão brincando”. Falta o plural em “menino”, mas já deixamos claro no artigo “os” e na flexão do verbo auxiliar “estão”. Há uma organização nesse aparente caos, pois não dizemos nunca “O meninos estão brincando”. Não estamos afirmando que podemos escrever desse jeito, mas que na fala do dia a dia é normal e bastante empregado.

O respeito a uma variação linguística também não quer dizer que você não possa ajudar uma pessoa quanto a algum uso inadequado da língua

portuguesa, mas vai depender do grau de intimidade, do jeito que se faz esse tipo de abordagem e do contexto de uso. No ambiente escolar, o(a) docente da área de língua portuguesa (como qualquer outro docente) vai fazendo com que um(a) estudante perceba os usos inadequados da língua por meio de atividades significativas e relacionadas ao contexto de uso, mas nunca chamando sua atenção na frente da turma.

Evitar e combater o preconceito linguístico não significa abrir mão de estudar português, de saber escrever e se expressar adequadamente, de ler e interpretar textos, mas de respeito à fala e, conseqüentemente, respeito à cultura e ao contexto histórico e social do outro. O importante é usar a língua portuguesa de forma apropriada, conforme a situação.

3 Conhecendo o funcionamento da gramática normativa

Você estudou (e vem estudando) a língua portuguesa no ambiente escolar por, no mínimo, 11 anos, não é mesmo? E será que você tem a sensação de que não sabe português? Por que isso acontece? Talvez por vários dos motivos que apontamos acima sobre as variações linguísticas ou porque você acredita que deva saber toda a gramática para se expressar melhor. Veremos em outro texto alguns pontos referentes à leitura e sua importância para o aprimoramento do uso da língua nas mais diversas situações. Por hora, é relevante compreender o funcionamento da gramática, o que não quer dizer que veremos todo seu conteúdo, mas ter uma noção como ela está organizada.

Em todos esses anos de estudo do português, pode acontecer de você ainda não ter entendido que a gramática tem uma organização que facilita seu estudo. Sintetizamos no quadro abaixo, de forma bem simples e objetiva, a estrutura geral da gramática normativa.

Quadro 1: divisão na estrutura da gramática normativa

Partes da Gramática	Conteúdo	Exemplos
Fonética e fonologia	Refere-se os sons das palavras, dividindo-as em pequenas partes (sílabas)	Divisão de sílabas, classificação das palavras quanto à acentuação tônica (oxítona, paroxítona, proparoxítona).
Morfologia	Diz respeito à formação, estrutura e classificação das palavras	Classes gramaticais, como artigo, substantivo, verbo etc.
Sintaxe	Estuda a relação das palavras nas frases e orações	Classificação das frases, tipos de sujeito, predicado, complemento, adjunto.

Fonte: a autora

Você percebeu que vamos aprendendo primeiro os sons, as sílabas, depois as palavras e, por fim, as frases? É basicamente isso no geral. Mas, ainda, dada a abordagem da gramática e a etapa escolar, estudamos **semântica**, que está relacionada aos significados; **estilística**, que tem a ver com o estilo de uso da linguagem (especialmente em poemas e na literatura, mas não exclusivamente); **pragmática**, que estuda a linguagem considerando o contexto situacional da comunicação, são apenas alguns exemplos que mostram o quanto o estudo da área é abrangente. O importante é ter uma noção dessa estrutura basilar, que não tem fronteiras tão bem delimitadas, mas que facilita o entendimento do funcionamento da linguagem.

Hoje, quando temos dúvidas sobre algum uso da língua portuguesa, consultamos a internet, por isso o quadro abaixo traz algumas dicas de sites que podem nos auxiliar bastante com o uso mais formal da língua, especialmente quando escrita.

Quadro 2: Indicações de sites para pesquisa sobre língua portuguesa

Título	Conteúdo	Endereço
Dicionário online de sinônimos	Esse dicionário vai te ajudar bastante a evitar palavras repetidas.	https://www.sinonimos.com.br/
VOLP: Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa	Se você tem dúvidas sobre a escrita correta de alguma palavra, pode confiar no VOLP, da Academia Brasileira de Letras.	https://www.academia.org.br/nos-sa-lingua/busca-no-vocabulario
Gramática on-line	Site bem confiável sobre gramática de uso da língua portuguesa	https://gramaticaonline.com.br/
Português	Também é um bom site para consultar questões relacionadas à gramática de uso da língua portuguesa.	https://www.portugues.com.br/
Conjugação de verbos em português	Neste site você encontra a conjugação adequada dos verbos	https://www.conjugacao.com.br/

Fonte: a autora

Além desses exemplos, muitas universidades também mantêm páginas na internet dedicadas ao ensino da língua portuguesa, com cursos de curta duração ou com material de qualidade disponível gratuitamente.

Concluindo o estudo

A proposta deste texto foi fornecer a você um panorama de alguns dos aspectos relacionados à língua portuguesa. São noções indispensáveis para o(a) professor(a) de qualquer área do conhecimento, já que não é uma responsabilidade exclusiva do(a) professor(a) de português ajudar seus alunos no processo de letramento linguístico, por ser a base para o aprendizado de outras matérias.

Da mesma forma, cabe lembrar que ter uma boa relação com a língua portuguesa é ter a oportunidade de perceber e compreender as relações de poder estabelecidas pelo uso da linguagem e evitar e combater o preconceito linguístico.

Referências

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. In: FRADE, I. C. A. A.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. D. C. Orgs. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2014a.

Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BAGNO, Marcos. Variação linguística. In: FRADE, I. C. A. A.; COSTA VAL, M. G.; BREGUNCI, M. D. C. Orgs. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2014b.

Disponível em:

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/variacao-linguistica>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MODELLI, Laís. **A herança da imigração na fala do brasileiro**. DW - Made for minds. 2019. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/a-heran%C3%A7a-da-imigra%C3%A7%C3%A3o-na-fala-do-brasileiro/a-48572090>. Acesso em: 3 mar. 2023.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística. **Synergies** Brésil. n° 7. 2009 p. 19-26. Disponível em:

<http://ipol.org.br/publicacoes/artigos/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

RODRIGUES, A. D. (2019). Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas.

DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, 9 (1).

Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>.

Acesso em: 15 jan. 2023.